



O Fim do III Reich

Almir dos Santos*

O articulista comenta os acontecimentos determinantes do fim do III Reich, do lado alemão e dos aliados. Deixa, ao final, algumas indagações, cujas respostas ele induz o leitor a especular, em função da conjuntura pós-guerra, ao longo dos últimos cinquenta anos.

Logo depois da invasão da Normandia, com o intuito de jogar os aliados no mar, Hitler transferiu forças consideráveis da Frente Oriental para o Ocidente. Com aquela Frente enfraquecida, os russos iniciaram uma grande ofensiva, a partir de 20 de junho de 1944, com três grupos de exércitos: o do Norte, sob comando do Marechal Rokossovsky; o da Bielorrússia, sob comando do Marechal Zhukov e o da Ucrânia, sob comando do Marechal Konev.

A ofensiva começou com os russos usando sua arma favorita: a artilharia. Dez mil

canhões bombardearam, durante dois dias sem parar, os exércitos alemães do centro. Com o sistema de abastecimento inimigo totalmente destruído, 1 milhão de russos atacaram. O Terceiro Exército Panzer alemão, e ainda, o Nono e o Quarto, Exércitos de Infantaria, ficaram numa situação desesperadora. O Marechal alemão Busch, comandante do grupo de Exércitos do Centro, solicitou permissão para se retirar. Hitler ordenou que ficasse, pois os suprimentos já estavam partindo de caminhões e aviões. Garantiu que o Marechal Model já estava partindo em seu socorro e que os covardes deviam ser fuzilados.

O General Von Tippelskirch, que comandava o Quarto Exército alemão, contrarian-

* Professor de Física no IME e na Escola Naval.

do ordem do ditador, retirou seus homens daquele inferno. Busch, porém, resolveu demonstrar sua lealdade ao *Führer* e permaneceu lutando. Foi um massacre. Quando o Marechal Model chegou com a ajuda prometida, os alemães já tinham sofrido 300 mil baixas.

Sem poder fazer mais nada, Model recuou seu exército até o Rio Vístula, já na Polônia, e armou um poderoso sistema defensivo que o tornaria famoso. Quando os exércitos de Zhukov se aproximaram, Model destruiu praticamente todos os seus tanques e toda sua artilharia, impedindo-os de chegar a Varsóvia. Foi uma vitória espetacular, consagrando o Marechal Model como o grande mestre da guerra defensiva. Extremamente agradecido, Hitler, afirmou: *"Se não fosse pelo senhor, pelos seus esforços e por sua sábia liderança, os russos poderiam estar agora na Prússia Oriental ou nas portas de Berlim."*

Antes da ofensiva final, os "três grandes" se reuniram, mais uma vez, agora em Yalta, na Criméria. Mesmo com a derrota no Rio Vístula, Stalin estava no auge de sua fama e se apresentava como o grande vencedor a Segunda Guerra. Além de não pretender devolver os países bálticos, a Bukovina e a Bessarabia, que Hitler lhe dera o direito de ocupar em 1939, infantilmente, os aliados ocidentais tinham lhe dado o direito de exigir governos "amigos" dos países vizinhos. Esses amigos, entre aspas, significavam na realidade uma espécie de protetorado, que, para desespero dos ingleses, Roosevelt concordou. Com isso o líder comunista ia para a reunião depois de realizar seu sonho maior: recompor todo o Império Russo.

Em contraste com a jovialidade que Stalin demonstrava possuir, os outros dois líderes mundiais eram apenas estadistas idosos; um, Roosevelt, muito doente, e o outro, Churchill, para muitos, um velho tolo.

Sendo o mais requisitado pela imprensa, Stalin mostrou-se amável e disposto a fazer concessões, mas fazia uma exigência e um pedido. A exigência era que não queria outra potência militar no continente europeu. Quanto ao pedido, por tudo que o povo soviético passou, ele achava que o Exército Vermelho deveria ser o primeiro a entrar em Berlim. Ironicamente, Churchill respondeu: "eu também".

Quando o problema polonês entrou na pauta, Churchill começou dizendo que jamais poderia ficar contente com uma solução que não deixasse a Polônia como um Estado livre e independente. Stalin respondeu que esse país era tão importante para a segurança da União Soviética, quanto a França para Inglaterra. O velho estadista britânico propôs então uma eleição, democrática e livre, para dirigir o destino de uma Polônia totalmente desmilitarizada. Stalin concordou, desde que só participassem partidos democráticos e antifacista. Para o Governo polonês no exílio, com sede em Londres, com o poderoso Exército Vermelho dentro da Polônia, essas eleições seriam manipuladas e os russos fariam o que quisessem no país.

Ao voltar a Londres, o Primeiro Ministro inglês, deu a seguinte explicação aos governantes poloneses no exílio: *"os russos além de serem muito poderosos, ainda estão no local. Todo o exército de sua majestade seria pouco para tirá-los de lá."* Com essa frase, ele já demonstrava entender que a

balança do equilíbrio mundial pendia, vertiginosamente, para União Soviética.

Na frente ocidental, após a tomada de Paris, a ofensiva deveria parar, uma vez que terminava a Operação Overlord. Entretanto, a situação era tão favorável aos aliados, que Eisenhower resolveu continuar avançando.

Montgomery apresenta, então, um novo plano de ataque. Por esse plano, ele propunha uma ofensiva pela Bélgica, com três exércitos: dois ingleses e um americano. O outro exército americano não participaria do ataque. Ficaria na retaguarda consolidando as posições. Pelo plano, esse exército seria o Terceiro, exatamente o de Patton. Fosse qual fosse a intenção de Montgomery, estava claro que ele não queria Patton na ofensiva final. Por mais incrível que possa parecer, Eisenhower concordou, quase que integralmente, com Montgomery e mandou parar o invencível Terceiro exército, de Patton.

Enquanto isso, na frente russa, a situação também era de uma grande disputa entre os generais. A maioria acusava o Marechal Zhukov de estar usando a imprensa soviética para se autopromover, uma vez que ela só noticiava seus feitos. Outros o acusavam pela demora no ataque final aos nazistas. Chegavam a afirmar que estava com medo; por isso, esperava que os aliados fizessem o serviço. Sem contar com a pressão do Marechal Konev, que se achava com o direito de entrar em Berlim.

A situação era complicada. Mas a verdade era a seguinte: entrar em Berlim seria o maior feito da História Militar de todos os tempos e, por isso, Konev, Montgomery, Zhukov e Patton disputavam com unhas e dentes o direito de fazê-lo.

Os ingleses já anunciavam que, em breve, estariam em Berlim, quando Hitler traz para a frente ocidental o Marechal Model, herói do Rio Vístula. Model, utilizando os poderosos e imbatíveis tanques *Tigres*, armou um intransponível sistema de defesa e o grupo de exércitos de Montgomery teve de parar. Enquanto isso, o Primeiro Exército americano também era contido em Ashen e a grande ofensiva na Bélgica terminou.

Antevendo uma grande vitória na frente ocidental, Hitler ordena seu último grande ataque. O objetivo era jogar os ingleses e o Primeiro Exército americano ao mar e depois dizimar os russos, que estavam na Polônia, com as V2.

O *Führer* entregou a Jold a estratégia da ofensiva das Ardenas. Estava sorridente e afirmando que os aliados iriam receber o que mereciam. Como das outras vezes, esse plano para ele era uma maravilha. Quando o Marechal Model viu o plano disse apenas: "Isso é um absurdo". "Por quê"? Perguntou o General Jold. Model respondeu: "Esse plano não tem uma droga de perna onde se afirmar".

O Marechal Model deixou a sala furioso e voltou para seu exército. Quando seus generais receberam o plano e se queixaram da falta de meios, ele respondeu: "Se querem alguma coisa, peguem dos americanos".

Nem Eisenhower nem Montgomery esperavam a ofensiva. Para ambos, a Alemanha estava derrotada. Mas se enganaram. O Marechal Model, num esforço sobre-humano, utilizando o que restava em equipamentos, iniciou uma grande ofensiva e dizimou várias divisões inglesas e americanas. O alto comando aliado entrou em pânico. Quase

acontece uma tragédia. Mas Patton recebeu a gasolina que precisava, dirigiu-se para as Ardenas e derrotou os alemães.

Depois da vitória nas Ardenas, os aliados se reuniram para apurar responsabilidades de tudo que acontecera. Para alguns, era inconcebível que a Alemanha, praticamente derrotada, tivesse feito o estrago que fez. Era evidente que os americanos culpavam Montgomery. O próprio George Marshall veio a Londres com essa intenção. Muita coisa foi dita e muitas acusações foram feitas. Brooke, por exemplo, defendendo "Monty", atacou Eisenhower, dizendo ser ele um homem fraco, que confiava demais em Bradley e não conseguia controlar seus generais. Marshall queixou-se de que Montgomery era muito lento, faminto de publicidade, mal-educado e que desdenhava os americanos. Bradley, revoltado, disse que não achava certo que os americanos, com 61 divisões na Europa, cedessem a Montgomery o comando da luta, se os ingleses possuíam apenas 15. Eisenhower controlou a crise, mas advertiu Montgomery de que mais uma palavra contra os americanos e seria rebaixado a um papel secundário, sob ordens de um general americano.

Não foi só o susto que levaram, ou as baixas que tiveram, que enfureceu os generais aliados. Havia também muita vaidade. Todos sabiam que a Alemanha estava irremediavelmente perdida. A ofensiva em Ardenas fora muito mais por desatenção aliada, do que por mérito nazista. Com 14 mil aviões bombardeando suas cidades, suas indústrias e o que restava de suas tropas, a rendição era questão de tempo. O que estava em jogo, agora, era quem entraria triunfante em Berlim.

A estratégia final de Eisenhower consistia em lançar o Primeiro Exército americano na direção de Leipzig e Dresden, até encontrar o exército Vermelho no Rio Elba, dividindo a Alemanha em duas. Montgomery deveria se dirigir para Hamburgo e Lubeck, isolando as forças alemãs que se encontravam na Dinamarca e na Noruega. Patton atravessaria a linha Siegfried, em Saarlouis, invadiria Frankfurt e ocuparia todo o sul da Alemanha. Berlim, o grande troféu, Eisenhower daria de graça para os russos.

Para evitar problemas com os britânicos, Eisenhower apresentou o plano primeiro a Stalin. O líder comunista aceitou de imediato, sem reivindicar mais nada. Pelo plano de Eisenhower, ele realizaria seu maior sonho: ver a bandeira vermelha no alto do Reichstag. Churchill, quando veio a saber, fez um comentário lacônico: "Eisenhower nos traiu".

Pelo acordo dos três grandes, o território alemão seria dividido em quatro zonas de influência, com mais ou menos a mesma área, sob comando inglês, francês, americano e soviético. Entretanto, na estratégia do final da guerra, o Primeiro e o Terceiro exércitos americanos ficariam com as maiores responsabilidades. Eisenhower parecia demonstrar que perdera a confiança em Montgomery.

Churchill, que estava querendo fazer contato com os soviéticos o mais a leste possível, ficou furioso e acusou Eisenhower de política antibritânica. Alegava ele que depois do que os ingleses sofreram, Montgomery tinha o direito de entrar em Berlim e dar ao povo essa honra. "Ike" respondeu que Berlim perdera sua importância militar, tendo apenas importância política e que, por isso, não correria o risco de perder 100 mil homens para vencer as defesas da cidade. Churchill

voltou a acusar Eisenhower de dar aos britânicos um papel secundário no desfecho final. "Ike" respondeu: "não pretendo entrar em choque com os soviéticos só para satisfazer a vaidade de Montgomery. Além do mais, não quero nenhum inglês ou americano ganhando essa guerra sozinho".

Quando o ataque aliado começou, o Marechal Model tentou romper as linhas de suprimento do Primeiro Exército, mas fracassou. Dois dias depois, os americanos capturavam 30 generais e 325 mil soldados. A partir daí, as rendições alemãs se davam numa média de 10 mil por dia. Ninguém queria ser capturado pelos russos.

Confiando em Eisenhower, o Exército Vermelho só partiu em 10 de fevereiro de 1945, quando sua superioridade sobre os alemães já era considerável: em tanques, de 6 para 1 e, em artilharia, de 10 para 1.

Ao contrário do que pensava o Stavka, Zhukov não invadiu a Alemanha, partiu para o norte da Polônia, temendo que o ainda muito forte exército alemão de Gdýnea atacasse seus flancos. A maioria dos generais ficou contra ele. O General Chuikov, um de seus subordinados, chegou a dizer, depois da guerra, que a covardia de Zhukov tinha impedido que Berlim fosse tomada em fevereiro de 1945.

A ofensiva em direção para o Rio Oder, dentro da Alemanha, próximo a Berlim, só começou em meados de março e se desenvolveu lentamente, devido à feroz resistência alemã.

No dia 1º de abril, com o Exército Vermelho ainda vivendo maus momentos, Stalin convidou Zhukov e Konev para uma reunião em Moscou. Os marechais encontraram o ditador calado, mas furioso. Antes mesmo das saudações, ele ordenou ao General Shtemenko

que lesse um telegrama. O texto do serviço secreto informava que os aliados haviam invadido a Alemanha em três frentes e que já estavam a 70 km de Berlim.

Terminada a leitura do documento, Stalin disse apenas: "fomos traídos. Eisenhower mentiu quando disse que se deteria no Rio Elba". "Ele ainda não cruzou o Rio Elba", respondeu Zhukov. Houve um silêncio mortal dentro daquela sala do Kremlin. Ninguém se atrevia a dizer nada, pois sentiam o ódio no rosto de Stalin. De repente, o ditador perguntou a Zhukov e Konev: "quem os senhores acham que irá chegar primeiro em Berlim, nós ou os aliados"? Konev respondeu que os soviéticos chegariam primeiro. O ditador então gritou: "então por que diabos estamos demorando tanto a partir"? "Estávamos limpando a área de Gdýnea", respondeu Zhukov. Ao que Stalin ordenou: "muito bem. Quero que ambos preparem, aqui mesmo em Moscou, seus planos de ataque a Berlim e dentro de dois dias os apresentem ao Stavka para que possam voltar aos seus QG com as propostas aprovadas".

Konev, que desejava ardentemente essa glória, começou a fazer de tudo para roubar a cena que Zhukov, há muito, vinha ensaiando. Trabalhou desesperadamente no plano. Zhukov, que já tinha no seu currículo Stalingrado e Kursk, fez o mesmo, porque também sonhava com o momento de entrar em Berlim.

No dia 3 de abril, quando voltaram a se encontrar, Stalin leu os dois planos na frente de ambos. Depois fez perguntas, rabiscou os mapas, modificou vários pontos e decidiu confiar a Zhukov a tarefa de invadir Berlim e a Konev a função de proteger seu flanco.

Apesar da demora e dos contratempos, a operação do Rio Vístula ao Rio Oder foi um sucesso. Em 23 dias, os soviéticos percorreram 450 km, aprisionando 145 mil alemães e destruindo 550 blindados.

Hitler nomeou o General Heinrici para organizar a defesa de Berlim. O general inspecionou as duas linhas defensivas ao longo do Rio Oder e ordenou que todas as noites as divisões recuassem 4 km. Acreditava que Zhukov atacaria de madrugada. Se isso ocorresse, sua tropa ficaria fora do já bem conhecido devastador fogo de artilharia soviético. Quando os russos parassem de atirar, os alemães retornariam as posições originais.

Heinrici que recebia, de hora em hora, relatórios dos observadores na linha de frente, tomou uma decisão drástica: no dia 15 de abril retirou todos os seus canhões, achando que o ataque seria naquela noite.

Do outro lado do rio, nessa noite, Zhukov não dormiu. As três horas da madrugada, levantou-se e fez uma última verificação de suas unidades. A inspeção durou uma hora e meia. Depois foi para seu *bunker*, colocou protetores nos ouvidos e aguardou. Às 5 horas, o bombardeio começou.

Sobre esse momento, Zhukov escreveu: *"Naquele instante, toda paisagem foi iluminada pelo fogo dos nossos canhões, obuses, morteiros e dos lendários katyushas (foguetes montado sobre chassis de caminhões), num total de 60 mil peças. O incessante roncar dos aviões enchia também o ar. Do inimigo ouvia-se apenas algum pipocar de metralhadora. De repente, o fogo cessou e o céu foi clareado por 140 holofotes, posicionados a 200m um do outro. Uma luz de 100 bilhões de velas clareou o campo de batalha como o*

sol do meio dia, mostrando os objetivos a serem alcançados por nossa infantaria e pelos nossos tanques. Era uma visão impressionante. Enquanto viver, jamais esquecerei."

Quando a infantaria e os blindados começaram a avançar, certos da vitória, os alemães começaram a despejar cargas mortíferas e certeiras contra as formações do Exército Vermelho. Zhukov não podia acreditar no que via, mas o bombardeio não atingira a artilharia inimiga. Por volta das 13 horas, o marechal não teve mais dúvidas: as defesas de Seelow estavam praticamente intactas e dizimando o Exército Vermelho.

No dia 17, extremamente abatido, Zhukov falou com Stalin pelo telefone. Angustiado ao ver os frutos de seu trabalho fugir por entre os dedos, não teve outra alternativa a não ser dizer a verdade. O ditador simplesmente disse adeus, e desligou.

Horas depois o marechal recebia uma ligação de Stalin que dizia estar pensando em determinar que Konev atacasse Berlim pelo sul e que Rokossovsky acelerasse a passagem de suas tropas pelo Rio Oder e atacasse a cidade pelo norte. Por mais incrível que pudesse parecer, pedia sua opinião. Zhukov concordou.

Konev, tão logo recebeu a ordem, ordenou que dois de seus exércitos blindados investissem contra Berlim com a maior velocidade que pudessem. Zhukov, por sua vez, ordenou que suas tropas prosseguissem no avanço. Mesmo sofrendo baixas terríveis, o exército Zhukov continuou avançando. No decorrer dos dias 18 e 19, as defesas alemãs começaram apresentar sinais de fraqueza.

A 20 de abril, os tanques de Konev chegaram a Berlim; cruzaram a auto-estrada que

envolvia a cidade, mas foram barrados diante do canal de Telcow. Somente no dia 24, deram início à travessia; mas tiveram uma triste decepção: no seu setor, ruas estreitas dificultavam a passagem dos tanques. Konev, então, ordenou que a infantaria entrasse na cidade. Zhukov deu a mesma ordem. O que se viu a seguir foi uma nova Stalingrado: os infantas se matando pelas ruas.

Para aumentar o ímpeto de seus soldados, o locutor oficial da rádio do Exército Vermelho conclamava: *"avante soldados. Lutem. A hora da vitória chegou. Vinte milhões de soviéticos mortos se levantam nesse momento de seus túmulos e clamam por vingança; e a hora da vingança chegou"*.

Zhukov colocou vários regimentos pelos túneis do metrô e lá dentro encontrou mais de um milhão de civis alemães apavorados, chorando desesperadamente, mortos de medo. Hitler, dando mais uma demonstração de que não se importava nem com a sua própria gente, mandou inundar tudo. Muitos russos morreram afogados, mas as maiores vítimas foram os civis alemães.

No dia 25, Stalin colocou um ponto final na disputa entre os dois marechais. Estabelecia novos limites de ação para os dois exércitos. Essa decisão deixou Konev arrasado. O limite para suas forças ficava a 150m do Reichstag, o símbolo da vitória final sobre a Alemanha nazista e onde seria içada a bandeira vermelha. Às 5 horas do dia 30, as tropas de Zhukov invadiram o que restava do Reichstag. Às 14h25min., os soviéticos saíram conduzindo 2.500 prisioneiros, e a bandeira vermelha foi finalmente desfraldada sobre as ruínas do edifício. Vinte minutos depois, os tanques soviéticos desfilavam pelo

Portal de Brandenburgo, o símbolo do orgulho nazista. A guerra na Europa terminara.

E depois? O Marechal Model ao saber que fora acusado pelos russos de ser o responsável pelo assassinato de 577 mil pessoas nos campos de concentração da Letônia, suicidou-se. Mas, antes, teve um ato que não pode ser esquecido. A 19 de março, Hitler, depois que os aliados cruzaram o Reno, baixou a "Ordem de Nero", ordenando que tudo fosse queimado na frente do invasor. Raciocinou que os bons alemães já tinham morrido, que só sobrara os inferiores; e por isso, pouco importava que sobrevivessem. Essa política de "terra arrasada" foi, deliberadamente, sabotada pelo General Speer, no que foi apoiado pelo Marechal Model, que era um nacional socialista convicto e fanaticamente admirador de *Führer*. O marechal compreendeu que estava tudo perdido e que o melhor que se poderia fazer, era deixar alguma coisa para que os que sobrevivessem pudessem reconstruir a Alemanha.

Model carecia do carisma de Rommel e da intelectualidade de um Von Manstein. Era desprezado por vários generais alemães por ser nazista. Mas depois da guerra, investigações profundas nos inquiridos dos crimes contra a humanidade provaram que o Marechal Walter Model sequer tomou conhecimento dos crimes da SS na Letônia.

O Marechal Zhukov, por pura inveja dos seus colegas de farda, caiu em desgraça, devido à demora em seguir para o Rio Oder. Foi transferido para os Urais para ser esquecido. A ausência de seu nome nos textos que descreviam as batalhas era notada, mas ninguém perguntava porque. Quando Kruschev tor-

nou-se governante de todo Império, Zhukov foi reabilitado. Tornou-se Ministro da Defesa e seu nome foi recolocado nas enciclopédias e nos livros de história da guerra. Dessa maneira, o povo soviético pode saber o que o mundo inteiro já sabia: o Marechal Giorgi Zhukov fora um dos grandes heróis da vitória contra o nazismo.

Hoje, 50 anos depois de terminada a guerra, três perguntas ainda estão sem respostas. A primeira é por que nos últimos meses da guerra, com a Alemanha já virtualmente derrotada, Churchill mandou bombardear Dresden? A cidade era um grande hospital que cuidava dos feridos alemães da frente russa da guerra. Trinta e cinco mil pessoas morreram queimadas. A segunda é, por que Eisenhower fez tanta questão de parar o invencível Terceiro Exército do General Patton? A terceira é por que Eisenhower foi tão bonzinho com os russos, parando o Primeiro Exército americano no Rio Elba, a 70 km de Berlim, quando o Exército Vermelho ainda estava na Polônia? Ninguém sabe.

Os ingleses se desesperaram. Eles queriam que os aliados ocupassem a Alemanha toda e convidassem os soviéticos para participar do governo, mas com o Exército Vermelho o mais distante possível. Segundo os ingleses, quando os americanos fossem embora, os russos, se quisessem, poderiam chegar a Paris em uma semana. Outra coisa que os ingleses afirmavam era que os soviéticos não devolveriam um palmo do território que estavam ocupando. O tempo mostrou que eles tinham razão. Essa atitude de Eisenhower provocou a divisão da Alemanha por 40 anos.

Quando do inventário do espólio do III Reich, verificou-se que os soviéticos tinham ficado com aquilo que mais queriam: Berlim. Os ingleses tinham ficado reduzidos a uma potência de segunda categoria. E os americanos? Bem, os americanos tinham ficado com todas as descobertas, na química, na farmacologia, na medicina, na construção de submarinos, na ótica e ainda os protótipos do avião a jato. Será que Eisenhower sabia disso quando escolheu as áreas onde os exércitos dos três grandes iriam atuar? Será que, com a obsessão de chegar a Berlim, Stalin não percebeu isso? Se Eisenhower não teve essa intenção, os americanos deram muita sorte.

Os ingleses encontraram as rampas de lançamento das V2. Os soviéticos ficaram com a fábrica onde elas eram construídas e com todos os seus segredos. Essa não tinha jeito: estava do lado oriental. Mas, os cientistas que trabalharam no projeto, inclusive seu diretor, Werner von Braun, se entregaram justamente aos americanos. Um fato interessante é que nenhum deles foi a julgamento pelo que seus foguetes fizeram na Inglaterra. Pelos acordos internacionais, todos estavam enquadrados em "crimes contra a Humanidade", mas não o foram por um motivo muito simples: os americanos não deixaram, pois todos já estavam empregados nos Estados Unidos.

Hoje, cinquenta anos depois, tudo isso é apenas especulação. Mas que ainda existem muitas perguntas no ar, existem.

Eisenhower foi eleito presidente dos Estados Unidos e governou o país por 8 anos. □